

ENTREVISTA / MARTON OLYMPIO, CINEASTA E ROTEIRISTA

'A interseção entre o místico e o realismo é uma tecnologia ancestral de preservação da vida'



No longa, Felix, um pintor de 80 anos (vivido por José Araújo em comovente desempenho), foge de um lar para idosos e encontra abrigo num banco à beira-mar. Nas franjas do vestido de Iemanjá, ondas do passado materializam saudades e vivências, redesenhando momentos de um pretérito nem sempre perfeito, inclusive sua relação com o filho. Um elenco em estado de graça (Andrea Rodrigues, André Ramiro, Dani Ornellas, Hamilton Dias e o já citado Araújo) vai iluminar a sala de projeção da Rua Voluntários da Pátria 88, assim como há de abrir caminhos em sua exibição nesta terça-feira, às 21h15, no Cinesystem Belas Artes 5. Em ambas as sessões, a expressão autoralíssima de Marton compõe um programa com "As Vitrines", de Flavia Castro, que, a seu modo, num tom político (de evocação às pessoas que resistiram às ditaduras da América do Sul), faz da arte de rememorar uma prática de desenraizamento e pertença.

Esse procedimento, a sístole do esquecer e a diástole do reviver, vem estruturando cada passo na trilha audiovisual de Marton, autor criador da série da Paramount + "Anderson Spider Silva", indicada ao Emmy. Ele tem um longa ("5 Pretos e 1 Pardo") em curso, para consolidar (mais) seu prestígio no posto de diretor, já testado e aprovado (lá fora e aqui) com "Mergulho", dirigido em duo com Anderson Jesus. Dirigiu também "A Dona da Banca", cujos episódios ainda não estrearam. No terreno da escrita do audiovisual, em scripts, a consagração dele está lavrada, sacramentada e aplaudida pelo público em seriados ("Cidade dos Homens") e filmes ("Alemão 2", "Sequestro Relâmpago") que assina. O garoto do subúrbio que se besuntava com a carne moída da Favorita Lanches ensaiou um flerte com a prosa, aos 12 anos. "Sonhava ser Fernando Sabino nessa época", confessa.

Hoje, já na casa dos 50, converteu a ambição de um dia escrever seu próprio "O Encontro Marcado" em destreza dramaturgic aplicada à esgrima do script. Cultiva o rigor (salpicado de generosidade) também em sua atividade como professor/orientador de roteiristas, com especial destaque para seu trabalho no Laboratório de Narrativas Negras da Festa Literária das Periferias (FLUP). Seu Face, vez por outra, brada "Vai ter preto por todo lado", celebrando a ocupação de espaços num país ainda assolado pelo racismo. Nesta entrevista, o neto de Seu Olympio, grita "Laroyê!" e deixa a palavra ser sua mensageira.

De que maneira o cinema que você faz como realizador se volta para os temas da ancestralidade africana a partir de "Memórias Com Vista Pro Mar"? Onde está a interseção entre o mítico e o realismo



Divulgação

Felix, um pintor de 80 anos (vivido por um exuberante José Araújo) foge de um lar para idosos e encontra abrigo num banco à beira-mar

na sua observação das vivências do povo preto?

Marton Olympio - A interseção entre o místico e o realismo é algo que me interessa profundamente. Eu encaro o tema como uma tecnologia ancestral voltada para a preservação, hoje, da memória; antes, da própria vida. Quando falo de antes, falo de antepassados escravizados que tiveram que desenvolver algum tipo de comunicação intramundos para sobreviver. Quando trago dessa conversa entre mundos, reconheço que é algo muito próprio do povo preto, dos meus ancestrais, de tudo o que eles atravessaram para que eu pudesse estar aqui agora, com o privilégio de trabalhar com cinema e escrever histórias. E viver disso. Há pouco tempo, a meta era apenas sobreviver, terminar o dia vivo — e isso não está tão distante de nós. Retomar essas vivências e essa comunicação é precioso, sobretudo quando trago

personagens inspirados na minha própria família, como se vê nesse novo filme.

Como a experiência da direção redefine as bases da sua dramaturgia como roteirista?

Eu acho que mais potencializa que redefine. Ela me complementa, porque, no fundo, eu comecei a escrever justamente para poder dirigir aquilo que escrevo. Não existe um filme ou série que eu tenha escrito, que eu não tenha imaginado cada movimento, cada quadro em detalhes. Não consigo me ver apenas como roteirista se não visualizar a cena como um todo: entrada e saída dos personagens, ângulos, cortes. Acho que isso me facilita na escrita e me ajuda no desenvolvimento do roteiro. Estar na direção pra mim é um caminho natural. Não foram poucas as vezes em que vi uma cena que pensei estar realizada de forma